

PSICOLOGIA SOCIAL E A CIÊNCIA: UM BREVE RECORTE HISTÓRICO ACERCA DO SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO COMO ÁREA DO SABER CIENTÍFICO

SOCIAL PSYCHOLOGY AND SCIENCE: A BRIEF HISTORICAL OVERVIEW OF THE EMERGENCE AND CONSOLIDATION AS NA ÁREA OF SCIENTIFIC KNOWLEDGE

Marcelo Roberto Monteiro¹

Recebido em 09/09/2022

Aprovado em 18/11/2022

RESUMO

O século XIX foi a grande era do florescimento das Ciências Acadêmicas, onde disciplinas variadas se formaram no âmbito acadêmico. A própria Psicologia, pelas mãos de Wilhelm Wundt, foi inaugurada na segunda metade do referido século, assim como a Sociologia, com o Positivismo e também de pensadores como Émile Durkheim e Max Weber. Desde então, as disciplinas passaram a mesclarem – se e novas áreas surgiram nas décadas seguintes, sendo a Psicologia Social uma intersecção entre as duas disciplinas supracitadas, campo do saber e da profissão múltiplo, com vertentes variadas. Desde vertentes metafísicas até racionalistas e comportamentalista, a Psicologia Social já consagrou – se no campo científico e, até a contemporaneidade, segue se construindo. O presente estudo teórico objetiva fazer um recorte histórico breve, sobre alguns dos principais pensadores da Psicologia e da Sociologia na construção desta ciência, assim como – brevemente – elencar suas principais colaborações e ressaltar alguns pontos de interconexão entre estes diferentes teóricos.

Palavras – chave: Sociologia. Sociedade. Cultura. Psicologia das Massas. Psicologia Comunitária.

ABSTRACT

A 19th century was the great era of the ripening of Academic Sciences, where varied disciplines were formed at the academic space. Psychology itself, by the hands of Wilhelm Wundt, was inaugurated in the second half of that century, like as Sociology, with Positivism and also by thinkers such as Émile Durkheim and Max Weber. Since then, the disciplines

¹ Psicólogo, graduado pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); mestrando em Ciências Sociais (FCLAr/ UNESP); especialista (Lato sensu) em Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Educação São Luís (FESL); especialista (Lato sensu) em Sociologia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e pós-graduando em Psicologia Social pela Universidade de Araraquara (UNIARA). Mestrando do Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (FCLAr/ UNESP Araraquara), na linha de pesquisa "Diversidade, Identidades e Direitos", sob supervisão da Prof^a. Dr^a Ana Lúcida de Castro. Pesquisador das áreas de Saúde Mental (Ansiedade e Estresse), Cuidados/Atenção ao Cuidador e Cultura. Atuou como psicólogo organizacional, tendo experiência nas áreas de Gestão de Pessoas e Recursos Humanos. Possui aprimoramento (extensão) em Recursos Humanos (SENAC Ribeirão Preto). E-mail: marcelo_rmonteiro@hotmail.com

began to merge – if and new areas emerged in the following decades, with Social Psychology being an intersection between the two aforementioned disciplines, the field of knowledge and the multiple profession, with varied aspects. From metaphysical to rationalist and behaviorist strands, Social Psychology has already established itself in the scientific field and, until contemporaneity, continues to be built. The present theoretical study objectives a brief historical cut about some of the main thinkers of Psychology and Sociology in the construction of this science, as well as – briefly – to list their main collaborations and highlight some points of interconnection between these different theorists.

Keys – Words: Sociology. Society. Culture. Psychology of Masses. Community Psychology.

INTRODUÇÃO

A Psicologia, como ciência e disciplina, originou – se formalmente na Alemanha, em Leipzig, através dos trabalhos de médico germânico Wilhelm Wundt (1832 – 1920), que inicialmente debruçava – se sobre a fisiologia bioquímica, com forte viés biologicista. Em 1873, Wundt publica *Princípios da Psicologia Fisiológica*, onde este apresenta algumas de suas metodologias e observações acerca de suas pesquisas experimentais sobre o campo da consciência humana. Anos mais tarde, em 1879, o professor catedrático da Universidade de Leipzig conseguiu inaugurar o primeiro laboratório de Psicologia Experimental do mundo, passo importantíssimo para a sagração desta ciência (MACKENZIE, 2020). A partir da referida obra wundtiana, a Psicologia oficialmente estava “lançada” como uma área científica que, de acordo com o pensador alemão, mesclaria as ciências médicas com a filosofia, objetivando investigar a estruturação psicológica humana.

Porém, apesar de consagrado por seus métodos investigativos empiricistas e por sua atenção à estruturação psíquica, Wundt não apenas explorou a psicologia ‘individual’, mas também fez pesquisas e ensaios acerca da coletividade, sendo portanto o primeiro psicólogo social. O estudioso acreditava que fenômenos coletivos como a arte, a linguagem e a religião não poderiam ser explicados de modo individualista, sendo estes criações coletivistas da humanidade. Sua obra foi tão importante que, Sigmund Freud (1856 – 1939), fez claras referências à este em diversos de seus trabalhos, dentre eles o famoso livro *A interpretação dos sonhos*, de 1900, marco fundador da Psicanálise.

Exatamente Freud, o médico neurologista e psiquiatra austríaco, foi outro importante ‘pai’ da Psicologia Social, por meio de seus valiosos estudos acerca da Psicologia das Massas/ Multidões, onde o psicanalista

almejava entender os comportamentos, crenças e sentimentos coletivos. Obras freudianas como *Moisés e o Monoteísmo* (1939); *O Mal – Estar na Civilização* (1930) e *Totem & Tabu* (1913) trabalhavam simbolismos e mecanismos coletivos – civilizatórios – na construção de comportamentos e culturas humanas, onde o pensador ressaltava a construção do psiquismo para além do âmago subjetivo/ individual.

Freud e Wundt eram contemporâneos de autores da Sociologia, outra ciência recém ‘inaugurada’ nos fins do século XIX. A influência mútua das nascentes escolas sociológicas - como a marxiana, durkheimiana e a weberiana na também nova Psicologia foi fator de suma importância para o que seria o gérmen da atual Psicologia Social. Apesar de, naquele momento alguns teóricos fazerem questão de diferenciarem ambas as ciências. Por exemplo, Émile Durkheim (1858 – 1917), em *As regras do método sociológico* (1895) ressaltava que a Sociologia tinha como interesse os fatos sociais, que refletiam a consciência coletiva, enquanto para ele, a Psicologia deveria se inteirar da consciência individual; sendo, portanto, campos drasticamente diferentes, em sua análise (DURKHEIM, 2007).

Durkheim, apesar de defender as diferenças dos objetos de pesquisas das ciências, muito contribuiu para o desenvolvimento do pensamento psicológico – sociológico. Através de suas teorias acerca do mecanismo de funcionamento e regulação social, o autor francês esforçou – se para explicar como fenômenos cotidianos, aparentemente individuais, possuem forte e direta influência do fator social. Em sua obra *O suicídio* (2000), onde Durkheim buscava comprovar – por meio da pesquisa acerca do autoextermínio (que, aparentemente, era um comportamento extremamente individualizado) – o uso de sua metodologia de estudo sociológico.

Durkheim, logo de início, na capa da edição utilizada neste estudo, já usa como epígrafe a seguinte máxima: “Cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortos voluntários”; evidenciando o caráter coletivo e sociocultural do autoextermínio humano. O sociólogo ainda qualifica os atos suicidas em três categorias: suicídio egoísta; suicídio altruísta e o suicídio anômico (DURKHEIM, 2000). A primeira categoria, o “suicídio egoísta” seria aquele onde o indivíduo isola – se ao extremo do convívio social, culminando em sua decisão de se exterminar (ex.: casos graves de depressão e melancolia). Já o “suicídio altruísta”, é o oposto, onde o indivíduo se suicida exatamente por privilégios e status sociais (ex.: *kamikazes* japoneses, que se matavam em honra da pátria). Por fim, o “suicídio anômico”, que ocorriam devido à questões socioeconômicas e

culturais, em momentos de convulsão e desajuste social (ex.: pessoas que se matam por problemas sociais, como a miséria e a fome). Durkheim enquadrava todo autoextermínio em uma dessas três categorias e, segundo ele, o suicídio nunca seria um fenômeno individual, somente (DURKHEIM, 2000).

Por sua vez, Max Weber (1864 – 1920), sociólogo e jurista alemão, partia do pressuposto de que os valores dos indivíduos, suas crenças e comportamentos sociais, influenciavam e modificavam a realidade coletiva, vice – versa. Por meio de seu conceito de ação social, o pensador entendia os indivíduos como partes ativas do social, não apenas sofrendo pressões das instituições sociais (como seu contemporâneo francês), mas também moldando o social, ativa e gradativamente. Weber dialogava mais diretamente com a Psicologia, até então uma ciência aparentemente individual, dando um grande protagonismo aos sujeitos.

Em sua obra *A Ética protestante e o espírito do Capitalismo* (2013), o pensador alemão demonstra, a partir de uma ‘dissecação’ analítica e minuciosa do Protestantismo europeu e estadunidense, como as religiões protestantes, através de sua ética, fomentaram as bases para os ideais Capitalistas da Modernidade. Weber explica como fiéis e instituições religiosas intercambiam os ideais e como as mudanças acontecessem, onde as mentalidades dos indivíduos mudam e, em conjunto, estes modificam a realidade. Para isso, o sociólogo evidencia as divergências e a diferenciação existente dentre os próprios cristãos protestantes e como tais alteraram consideravelmente ideais coletivos (WEBER, 2013).

Weber aponta que o protestantismo luterano originário não possuía conceitos como a ‘graça divina’ ou o sucesso por meio do trabalho e do acúmulo de bens, sinalizando que fora João Calvino (1509 – 1564), fundador da vertente protestante Calvinista, quem lançou as bases para tais entendimentos, afirmando – dentre outras coisas - que a conquista de bens materiais e de um bom padrão de vida eram sinais da presença da graça divina, do estado de graça, sendo indicador de bem – aventura. Para o pensador germânico, esses (e diversos outros) pensamentos de Calvino e demais teólogos protestantes, embasaram o ideal capitalista moderno (WEBER, 2013).

Assim, Weber explica a criação de ideais culturais e coletivos a partir de crenças individuais, oferecendo uma visão mais ativa dos mesmos (principalmente quando comparado à ideia durkheimiana) e também convergindo com uma noção, ainda então muito rudimentar, de uma psicologia do social, onde coletivo / indivíduo estavam interligados e se

correlacionavam diretamente. O trabalho de Moraes, Filho e Dias (2003), sobre o conceito weberiano de ação social, afirma: “Na obra de Weber, o indivíduo constitui a unidade explicativa, tornando-se ponto de partida e de chegada. Os conceitos sociológicos são elaborados (compostos) pouco a pouco e seus componentes são retirados da realidade histórica; assim, o processo do conhecimento fundamenta-se no indivíduo” (p. 61).

Destarte, Psicologia e Sociologia são ciências contemporâneas, criadas metodologicamente e academicamente na mesma época e também lugares (Alemanha e França). Fundadores da Psicologia, Freud e Wundt já se debruçavam sobre questões coletivas do psiquismo humano, compreendendo que tal área de saber não se resumia aos indivíduos. Por outro lado, fundadores da Sociologia metodológica, como Durkheim e Weber, mesmo não almejando, acabaram por contribuir para a construção de conceitos sociológicos em interface com psicológicos, que hoje conhece – se como Psicologia Social. Entretanto, esse fora somente o início do processo de criação de uma Psicologia Social, muito se acrescentando desde então às contribuições interdisciplinares dos fundadores.

DESENVOLVIMENTO

Os pensadores acima destacados foram os mais famosos, porém, outros contemporâneos à eles também ofereceram importantes contribuições para o pensamento da psicologia das massas, como era comumente referida. O também francês Gustav Le Bon (1841 – 1931), foi um antropólogo e sociólogo contemporâneo e conterrâneo de Durkheim e, inclusive, percebe – se influências mútuas dentre eles. Le Bon também era entusiasta da ideia metafísica de uma consciência coletiva, a ‘alma das multidões’, conceituadas em sua obra *Psicologia das Multidões* (1895). Trabalhando a ideia de coletivo e de multidão, o pensador defendia que as multidões eram aglomerados de indivíduos com identificações em comum e objetivos, ideias, semelhantes. Por sua vez, aglomeração era qualquer conjunto de indivíduos unidos por fatores diversos mas, não necessariamente, identificados e interligados entre si (exemplo: pessoas unidas em uma área pública, não necessariamente formam uma multidão leboniana). Le Bon defendia que as multidões tinham um espírito comum, que suplantava as individualidades e ressaltava o coletivo, ou seja, as massas teriam consciência própria que se sobressairia – quando formada multidões – aos indivíduos que as compõem (LE – BON, 1895).

O filósofo e sociólogo francês Gabriel Tarde (1843 – 1904), não era um intelectual típico, com vinculações com universidades, era ‘autônomo’ neste sentido, o que o fez sofrer preconceitos no meio acadêmico por não ser formalmente vinculado à uma escola ou tradição filosófica/ sociológica (o que era de suma importância até então). Liberal e pró – sistema, Tarde tinha como principal rival seu contemporâneo e compatriota Émile Durkheim, com quem divergia drasticamente em suas ideias sociológicas (CONSOLIM, 2008).

Diferentemente do método interpretativo durkheimiano, Tarde era conservador em todos os aspectos (oriundo de família aristocrática francesa), e não concordava com conceitos ‘puramente sociais’, como consciência coletiva ou os fatos sociais. Fortemente biologicista e darwinista, com influências nítidas da filosofia Positivista comtiana, o pensador adotava perspectivas hoje racistas e etnocêntricas, defendendo que os comportamentos sociais dos seres humanos eram biologicamente pré – determinados, como ocorrem com animais. Conceitos naturalistas e instintivos eram presentes em suas teorias e, naquele final de século XIX estavam em voga no meio científico europeu e eurocêntrico. Entretanto, o autor ofertou importantes conceitos sociológicos e psicológicos que são válidos até hoje: imitação psicossocial (VARGAS, 2001; CONSOLIM, 2008).

A sociologia tardiana era complexa, envolvia múltiplas áreas para além da sociológica, como a própria biologia, astronomia e física (VARGAS, 2001; MONZELLI, 2016). Foi inovador ao pensar em uma microsociologia – como uma rudimentar predecessora da microfísica foucaultiana – onde oferecia aos indivíduos um papel mais ativo sociologicamente, divergindo de Durkheim mas convergindo com Weber. No entanto, enquanto a visão weberiana compreendia o poder como algo exercido do macro pelo micro, a filosofia tardiana, não necessariamente. Tarde defendia a capacidade dos indivíduos se imitarem ou diferenciarem, baseado em uma série de fatores identificatórios, o que era – até então - uma leitura inovadora dos indivíduos como ativos no coletivo (VARGAS, 2001; MONZELLI, 2016).

Os Estados Unidos também foram essenciais para o desenvolvimento da Psicologia Social, possuindo diversos expoentes com contribuições importantes para a criação e a formação desta área do saber científico. George Mead (1863 – 1931) também foi contemporâneo dos pensadores europeus acima referenciados; sendo inclusive aluno de Wundt, tendo no estruturalismo e empirismo do antigo mestre as suas bases. Mead era entusiasta do ‘interacionismo’, que afirma que a personalidade e os comportamentos dos humanos se criam e reforçam a

partir da interação social e também da imitação (STANFORD, 2016), assemelhando – se neste aspecto à Tarde.

O pensador norte – americano conceituava o ‘Eu’ como a noção egoísta que, naturalmente, o ser humano possui inatamente. O ‘Eu’ é a prepotência que todas as pessoas possuem de se acharem o ‘centro’ das atenções, o que em termos freudianos seria o princípio do prazer e a plenitude do bebê, em total simbiose mãe – bebê. Mead afirma que, conforme interagimos socialmente, passamos a conhecer a realidade para além do ‘Eu’, o que diminui gradativamente a sua prepotência. Destarte, a noção de ‘Mim’ passa a se desenvolver, onde o sujeito desenvolve uma autopercepção, autoconsciência, acerca de si próprio perante o mundo, tendo ciente a existência do social (outros). Portanto, o ser humano é por natureza egoísta e, conforme é socializado, passa a se tornar sociável, sendo mudado e também mudando os contextos sociais que encontra – se inserido (STANFORD, 2016).

O psicólogo polonês – naturalizado estadunidense – Kurt Lewin (1890 – 1947) foi outro importante pesquisador sobre a coletividade, debruçando – se sobre os estudos dos grupos e seus funcionamentos. Seu método consistia em entender as dinâmicas de pequenos grupos, para assim conseguir entender o funcionamento de grandes conglomerados humanos, maiores e mais complexos. Inovador para a Psicologia, Lewin era experimentalista, mas não realizava seus estudos em um laboratório (como Wundt), mas sim no próprio campo social, como escolas, hospitais, igrejas etc, analisando como os grupos funcionavam em seus próprios ambientes (PASQUALINI; MARTINS; FILHO, 2021).

Lewin foi professor da Universidade de Berlin desde 1921, até a ascensão do Nazismo, em 1933. Por seu judeu, ainda na década de 1930, viu – se obrigado a fugir do regime hitlerista para não ser preso e enviado ao campo de extermínio. Obviamente, sua experiência de vida, a perseguição à seu grupo étnico (semitas), fez com que o pensador se intrigasse com questões coletivas e socioculturais, aprofundando – se nesta área de estudos quando migrou para os Estados Unidos. O disparador para seus estudos foi à questão de como fora possível a humanidade conceber e permitir a ascensão do Nazifascismo e se era possível prevenir o surgimento de novos movimentos do tipo. A partir disso, Kurt Lewin se debruçou nos estudos sobre a coletividade, lançando entre 1935 e 1941 diversos estudos étnicos do que ele cunhou como “Psicologia dos Judeus” (PASQUALINI; MARTINS; FILHO, 2021).

O psicólogo, com formação também em física, tomou emprestado o conceito físico do campo e o reformulou em sua 'Teoria do Campo'. Segundo Lewin, o campo envolve o indivíduo – e sua subjetividade – e também o meio, tudo o que é externo à este indivíduo e que ele está em contato, inserido. O autor defendia que havia uma interação, através das trocas de forças, intra e inter – indivíduo, fazendo com que os comportamentos fossem assim definidos. Portanto, o pensador era contrário a ideias essencialistas do ser humano, acreditando que tanto o meio, quanto o próprio indivíduo, estavam em constante e incessante interação e atividade, modificando – se mutuamente. Reforçando – se que o 'meio' são as demais pessoas, os grupos sociais aos quais o indivíduo está inserido, em diversos contextos e momentos (PASQUALINI; MARTINS; FILHO, 2021).

Os Estados Unidos também se destacaram na vanguarda da Psicologia Social, tendo expoentes de grande importância, como os irmãos Allport, Floyd (1890 – 1978) e Gordon (1897 – 1967). Floyd foi quem rechaçou a ideia de uma 'mentalidade coletiva', ou de uma 'consciência coletiva', tão comum dentre outras correntes psicológicas ou sociológicas. Comportamentalista, Floyd Allport passou a focar seus estudos no ambiente e nos fatores ambientais, e como estes desencadeavam respostas nos indivíduos e, simultaneamente, os indivíduos modificavam os ambientes em que se encontravam e suas contingências (FERREIRA, 2010).

Por sua vez, seu irmão Gordon Allport, era forte defensor da 'unicidade individual', que defende a individualidade e a excepcionalidade de cada pessoa. Por isso, Gordon era crítico de metodologias generalistas, que englobavam indivíduos e os rotulavam, ignorando suas histórias e subjetividades únicas. Entretanto, focar na individualidade não significa que Gordon ignorava ou menosprezava a coletividade. Convergindo com seu irmão, Gordon conceitua a 'Psicologia Social Psicológica', que atenta – se para como a pessoa lida com a presença factível, real e/ou imaginada de outras pessoas e, a partir disso, apresenta comportamentos e pensamentos ajustados à aquela situação psicossocial. Diferente de Floyd, o irmão pendia para uma leitura cognitiva – social dos indivíduos, não somente comportamentalista, como Floyd. O que definiria as interações sociais dos indivíduos seriam suas personalidades, podendo ser mais introvertida ou extrovertida (BAPTISTA, 2008; FERREIRA, 2010).

O também psicólogo estadunidense B.F. Skinner (1904 – 1990) teve forte impacto no estudo do comportamentalismo clínico, fundando o *behaviorismo* radical, e com influências dos outros pensadores como Floyd

Allport, seu contemporâneo e conterrâneo supracitado. O comportamentalismo skinneriano não separa indivíduo de ambiente, portanto, não há uma subjetividade humana e a personalidade é fruto de processos de condicionamentos, onde o indivíduo desenvolve repertórios comportamentais baseados em suas experiências e interações com o ambiente envolvido (BAPTISTA, 2008). Skinner também refuta a existência da consciência coletiva, como Floyd, mas inclusive nega a própria existência individual, reafirmando sua posição de que absolutamente todas as ações e emoções humanas são oriundas da interação com o ambiente, sendo a cultura – por exemplo – uma contingência ambiental que condiciona as pessoas (MARÇAL, 2004; BAPTISTA, 2008).

Inicialmente comportamentalista skinneriano, o canadense Albert Bandura (1925 – 2021) fora migrando, gradativamente, para a perspectiva cognitiva – comportamental. Bandura desenvolveu importantes estudos acerca da aprendizagem social, sua teoria basilar, que objetivava compreender como o ser humano aprendia através da interação e experiências sociais. Diferentemente dos *behavioristas*, o pensador considerava neste processo o fator cognitivo, portanto, crenças, pensamentos e valores que perpassam a realidade e a individualidade de cada pessoa (ALMEIDA *et. al.*, 2013).

Destarte, a teoria da aprendizagem social de Bandura frisa que a aprendizagem ocorre não devido (exclusivamente) as respostas reforçadoras ou punitivas provenientes do ambiente, como defendia Skinner, mas também devido a reflexões acerca destes estímulos reforçadores ou aversivos. A interação social seria – portanto – fator chave para o aprendizado a partir da observação e reflexões acerca dos comportamentos alheios em contextos sociais diversos, o que Bandura chamou de *aprendizado/ reforço vicário*. Esta modalidade de aprendizado, o vicário, acontece socialmente, por meio da observação e percepção que os indivíduos tem das ações alheias e de suas consequências. Assim, não é preciso a experiência pessoal para entender e aprender, basta atentar – se às vivências alheias e seus desdobramentos (ALMEIDA *et. al.*, 2013). Portanto, para o psicólogo canadense, as regras e contextos socioculturais modelam os indivíduos, pelo aprendizado vicário e através de vivências pessoais diretas e indiretas.

O romeno Serge Moscovici (1925 – 2014) foi outro importante psicólogo social que aprimorou e expandiu o conceito de ‘representações sociais’, que são conjunto de imagens, ideias, valores e crenças que – socioculturalmente – são construídos e utilizados cotidianamente, a fim de

categorizar diferentes agentes sociais, por meio da generalização. Tais representações surgem do processo de assimilação, onde projeta – se em cima da pessoa, grupo e/ ou organização ideias já pré – concebidas (BERTONI, GALINKIN, 2017).

Referindo – se as representações sociais, Moscovici (2005) afirma: “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, quanto por nossa cultura” (p. 25). Assim, as representações sociais (RS) realizam um tipo de mediação entre os sujeitos e a sociedade, categorizando e normatizando o externo, para que nos relacionemos com este. Porém as RS são inflexíveis, fechadas, podendo sofrer mutações de acordo com as mudanças temporais e contextuais.

Outro importante estudioso da Psicologia Social, que também enfocava em grupos e em seus ambientes, era o psicólogo russo Urie Bronfenbrenner (1917 – 2005), com a sua teoria da ‘abordagem ecológica’, que almejava compreender a interações grupais em diferentes contextos e como esferas sociais variadas se perpassam, convergem e influenciam os comportamentos humanos. O conceito de ambiente era mais complexo para o pensador russo, uma vez que uma multiplicidade de fatores formavam – o, portanto sendo um ambiente fluido, dinâmico e não estático (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Bronfenbrenner subdividia o (s) ambiente (s) social/ sociais em microsistemas e, o todo, ele o chamava de ‘ecossistema social’, o macrossistema, que seria fruto de da interação e integração dos microsistemas. O psicólogo conceitua microsistema; meso; macro e exossistema. O microsistema é o ambiente/contexto imediato em que o indivíduo encontra – se inserido, como instituições como escola, família, igreja etc; mesossistema, por sua vez, é a integração de microsistemas onde o mesmo indivíduo está simultaneamente inserido, por exemplo a criança que se encontra na escola, convive em família e frequenta uma comunidade religiosa, esta miscelânea de microsistemas formam o mesossistema deste indivíduo. O exossistema, como o prefixo já denuncia, é um sistema indiferente, externo, ao indivíduo em questão, onde ele não está inserido diretamente, mas sofre as consequências diretas, por exemplo – no supracitado caso da criança em idade escolar, os trabalhos de seus respectivos pais formam exossistema, onde a criança não está diretamente inserida, mas ela sofre as consequências diretas destes ambientes ‘alheios’.

Por fim, o macrosistema é o todo, a integração e a interação intercultural de todos os sistemas anteriores, tendo como exemplo – mór a Sociedade (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

O Brasil também possui expoentes importantes na área da Psicologia Social, como a psicóloga crítica Maria Helena Patto (1950 -), que trabalha no âmbito educacional, afirma que a psicologia crítica atenta – se à fatores sócio – históricos, culturais, econômicos e antropológico, tendo uma leitura ‘holística’ da situação e compreendendo que o indivíduo (aluno, no seu caso) é fruto de um tempo histórico e moldado por diversos contextos socioculturais, sendo necessário leva-los em consideração na análise daquele sujeito. Para além de uma visão filosófica de ser humano, baseada no marxismo, e de uma metodologia sócio – histórica e dialética, Patto também buscou explicitar o papel da Psicologia, como ciência, na construção de discursos normativos, normalizantes e moralistas, ausentes de uma interpretação crítica, ignorantes de fatos sociais, culturais e históricos, não analisando os sujeitos a partir de seus contextos específicos (RAMOS, 2011).

Assim como sua contemporânea e conterrânea, Patto, a filósofa e psicóloga Silvia Lane (1933 – 2006) foi outra importante pensadora para a Psicologia Social nacional. Igualmente crítica, Lane foi uma das pioneiras da Psicologia brasileira, sendo a primeira coordenadora do curso de graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Lane discordava do modelo cientificista em voga naqueles meados do século XX, onde a realidade deveria ajustar – se às proposições e saberes acadêmicos. Defendia o oposto, a Psicologia deveria transcender as instituições e passar a ser pensada e feita a partir da realidade fora da academia. O conhecimento científico era sinônimo de *práxis*, socialmente fidedigna e concatenada (BOCK; FERREIRA; GONÇALVES; FURTADO, 2007).

Adotou o materialismo – histórico marxista como metodologia para pensar sua Psicologia Social, fortemente engajada em produzir teorias *sui generis*, não apenas adaptações de saberes norte – americanos e europeus, desconexos com a realidade latinoamericana. Lane acreditava que a Psicologia tinha que ser mecanismo de reflexões e mudanças socioculturais, sendo crítica aos moldes então em vigor, irreais e afastados do cenário social brasileiro; sendo assim sua nova perspectiva epistemológica considerava os sujeitos como seres históricos e se atentava para a dialética entre os indivíduos e a Sociedade, analisando assim os mecanismos de promoção de conscientização e de alienação desse sujeito em sua realidade sociohistórica (BOCK *et. al.*, 2007).

Diferentemente do pragmatismo de Patto e Lane, acima descritos, Aroldo Rodrigues (1933 -), não defende uma Psicologia Social dialética e diretamente ativa, pela *práxis*, pelo contrário. Rodrigues defende que a função da Psicologia Social seria estudar cientificamente a Sociedade e seus membros, visando entender suas crenças, valores e ações. A partir disto, o psicólogo social deve esmerar – se em produzir saberes e informações acerca do seu objeto de estudo, ofertando à aqueles responsáveis pela administração pública, dados fidedignos para embasarem suas atividades e projetos. Destarte, Rodrigues adota a tradicional escola cognitivista - comportamentalista estadunidense, desdobrando – se sobre o fator ‘influencia’ para entender, coletivamente, como funcionam as dinâmicas ‘influenciadores X influenciados’, se aproximando assim do ideal wundtiano de Psicologia Social, empiricista, que não almejava intervenções ou – *a priori* – modificações em seus objetos de estudos, mas sim buscar compreender a estruturação psíquica por de trás deste! Para Rodrigues, esta seria exatamente a função de sua Psicologia Social (CORDEIRO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme acima demonstrado, a Psicologia Social é uma parte da Psicologia, intimamente ligada às Ciências Sociais. Prova desta intersecção está exatamente na contemporaneidade do surgimento das disciplinas acadêmicas da Sociologia e da própria Psicologia. Mesmo sociólogos sem ambições de trabalhar a seara psicológica – a exemplo de Durkheim – muito contribuíram para essa matéria do saber psicológico. Assim como, psicólogos sociais muito colaboraram para a Sociologia, mesmo sem esta devida intenção, como Le Bon e Mead.

O próprio Wilhelm Wundt, fundador da ‘Psicologia científica’, já explicitava a importância do pensar coletivamente para explicar o ser humano e sua psique, demonstrando que não se poderia estudar o psiquismo humano ignorando os aspectos socioculturais que o envolvem, como a própria linguagem, as artes e a religião. Freud, tomando rumos diametralmente distintos de Wundt – focando em desenvolver um método psicanalítico clínico, não meramente acadêmico – chegou à conclusões idênticas, defendendo em obras como *Para Além do Princípio do Prazer* e *O Mal – Estar na Civilização* a existência de uma natureza humana, comum à todos os povos, independente de fatores históricos, culturais e sociais, mas ressaltando que tais aspectos influenciavam grandemente nos modos de manifestações sociais/ coletivos destas pulsões inexoráveis à psique humana.

O próprio Émile Durkheim, com suas ideias de fato social e consciência coletiva, muito contribuiu para que desenvolvesse noções acerca de coletividades e acerca das massas, ideias estas muito semelhantes as de Freud, mas distintas pois enquanto o francês falava de consciência coletiva, o austríaco analisava a coletividade a partir da inconsciência. Porém, ambos compreendiam que havia algo de mais, maior que os indivíduos e a mera soma destes, formando grupos. Eram entusiastas de teorias metafísicas, que entendiam – cada um a sua forma – a coletividade como um tipo de entidade, externa aos indivíduos e maior que estes.

George Mead – discípulo de Wundt – também era entusiasta de uma consciência coletiva, era defensor do interacionismo, defendendo que a diferenciação entre ‘eu X meu’ se dava através da socialização com o ambiente, o que também converge para teorias como as skinnerianas e as allportianas (Floyd). Skinner e Floyd, ambos expoentes de comportamentalismo estadunidense, também eram defensores de que o ambiente social moldava os indivíduos nele inseridos, assim como era modificado por estes.

Diferentemente, Max Weber defendia que os valores dos indivíduos, suas crenças e ideais eram o que construía e mantinha a coletividade. Porém, Weber não negava a importância das chamadas instituições sociais, à exemplo das religiões, nas construções de tais valores – no entanto – ele apresenta uma interpretação mais dinâmica, onde os indivíduos interagem e modificavam os ideais, através da ação social. Weber reconhecia que a intencionalidade e a interpretação subjetiva tinham valores importantíssimos para as ações sociais, precisando haver convergência destes fatores para que algo fosse categorizado como ação social. Suas perspectivas aproximam – se das vertentes comportamentais e cognitivistas da Psicologia Social, que surgiram posteriormente.

Apesar de divergências consideráveis – epistemologicamente e ontologicamente – Weber e Tarde convergiam na ideia de um indivíduo mais ativo socialmente. Entretanto, enquanto Tarde pendia a explicar os comportamentos humanos pelo fator biológico, Weber o fazia exclusivamente pelos socioculturais. Entretanto, ambos acreditavam em um tipo de microsociologia, que entendia os sujeitos como partes ativas da coletividade, apesar de cada um fazer esta leitura de uma maneira diferente.

Ainda por este viés sociohistórico, encontramos as psicólogas brasileiras Patto e Lane, que também defendem o protagonismo e a atividade dos sujeitos na vida sociocultural. Apesar das diferentes metodologias, ambas pensadoras acreditam que aspectos socioculturais,

econômicos e históricos possuem grande influência nos comportamentos individuais e coletivos e – ao mesmo tempo – as pessoas também influenciam e modificam os contextos sociais em que estão inseridas. Desta mesma gênese epistêmica, o russo Bronfenbrenner, demonstra que os diferentes contextos sociais e culturais permeiam – se e interagem, direta ou indiretamente.

O psicólogo russo, também com fortes influências marxistas, Urie Bronfenbrenner, evidenciou que não existe um contexto sociocultural uno, mas sim uma rede de contextos, que se intrelaça e correlaciona, formando um sistema (ecossistema) complexo e interdependente, sendo a Sociedade o maior exemplo deste macrossistema. Bronfenbrenner, nesse sentido, difere de Frederick Skinner, que se referia ao ambiente imediato ao sujeito. Para o psicólogo estadunidense, fatores indiretos ao indivíduo também compunham o seu ambiente direto, uma vez que exerciam influências nos contingenciamentos do mesmo. Assim, o exemplo dado acima, do emprego do pai de uma criança, que seria um exossistema para a mesma, é pela leitura skinneriana uma contingência direta à criança – mesmo esta não tendo ligação com o trabalho de genitor – uma vez que ela é impactada pelas contingências daquele ambiente (o trabalho) em que seu pai está diretamente inserido.

Ainda na seara experimentalista, Aroldo Rodrigues, Lewin, Bandura e os irmãos Allport merecem destaque. Enquanto filosoficamente Bandura aproxima – se de Wundt, defendendo a necessidade de verificação da realidade a partir de testagens e amostragem, no intuito de assim ‘refletir’, através dos dados, aspectos sociais vigentes. Kurt Lewin também era adepto deste experimentalismo, mas não necessariamente o ‘academicismo’ wundtiano, no sentido de que o antigo pensador alemão era entusiasta da ‘Psicologia laboratorial’, enquanto Lewin defendia a ida à campo, quase que antropologicamente, para se observar os grupos em seus próprios ambientes e contextos. Entretanto, Lewin defendia a interferência e a modificação de hábitos grupais disfuncionais, enquanto Wundt não interpretava dessa forma.

As teorias de Bronfenbrenner e Lewin, ecossistema social e do campo, respectivamente, são incrivelmente complementares e dialogam – se entre si. Ambos possuem um conceito de ambiente/ sistema/ contexto fluido, complexo, integrativo e ativo, no sentido que o ambiente modifica as pessoas – como também no *behaviorismo metodológico watsoniano* – mas as pessoas também modificam o ambiente, em uma relação mútua. Os dois também concordam que o campo/ sistema não é aquele que o indivíduo

está diretamente inserido (diferente de Skinner), mas toda uma rede, gama, de interrelações e diferentes esferas correlacionadas.

Os irmãos Allport possuem interpretações convergentes, no referente ao ambiente, mas também muito divergentes. Enquanto Gordon Allport defende que a personalidade do sujeito é algo interno, e os seus comportamentos são externalizações desta; em uma interpretação quase psicanalítica acerca do essencialismo humano; Floyd Allport adota uma visão absolutamente comportamentalista, acreditando também (como BF Skinner), que o ambiente é imperativo no condicionamento humano. Ambos convergem não concordância da não existência de uma ‘consciência coletiva’, mas Gordon observa o indivíduo mais ‘internamente’, em sua perspectiva cognitiva – comportamental (que não ignora também as múltiplas influências entre ambiente e indivíduos), e o outro analisa mais ‘externamente’, em seu viés comportamentalista, enfocando em como o meio condiciona a pessoa.

Bandura, adota uma postura ‘mista’, mesclando os olhares dos dois irmãos, pode – se dizer. Para o psicólogo canadense, existe sim uma personalidade individual, tipicamente pessoal, mas também o meio/ ambiente/ contexto é extremamente importante e potente na modelagem da subjetividade das pessoas. Por exemplo, em seu clássico estudo sobre agressividade infantil, Bandura entende que quando sentem – se lícitas à comportamentos agressivos, por meio dos exemplo observados, as crianças agem de maneira mais violenta, independente de suas personalidades individuais.

O que o pensador canadense compreende como exemplo, Skinner e Allport entenderiam por novos contingenciamentos ambientais, onde naquele contexto, a violência passou a ser reforçada e – por isso – permitida. Já nas visões mais clássicas, como de Mead, Le – Bon e Durkheim, a consciência coletiva daquele grupo de crianças adotou comportamentos de ‘manada’, anulando suas individualidades e sobressaindo o ‘espírito do grupo’, onde a agressividade estava aflorada. Freud, por sua vez, interpretaria de uma forma distinta, afirmando que a natureza humana sombria – pulsão de morte – encontrou vazão e a agressividade presenciada fora, na verdade, apenas um momento de escape, onde um lado vil das crianças encontrou uma ‘brecha’ consciente e superegóica para se manifestar coletivamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.P.; LIMA, F.M.V.; LISBOA, S.M.; LOPES, A.P.; JÚNIOR, A.J.A.F. Comparação entre as teorias da aprendizagem de Skinner e Bandura. **Cadernos de graduação: ciências biológicas e da saúde**, v.1, n.3, p. 81 – 90, 2013.

BAPTISTA, N.J.M. Teorias da personalidade. **Psicologia: o portal dos psicólogos**, 2008. Recuperado de < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0197.pdf>>. Acesso em 21 de setembro de 2022.

BERTONE, L.M.; GALINKIN, A.L. **Teoria e métodos em representações sociais**. In: MORORÓ, L.P.; COUTO, M.E.S.; ASSIS, R.A.M.; orgs. *Notas teórico metodológicas de pesquisa em educação: concepções e trajetórias* [online]. ILHEUS, BA: Editus, 2017.

BOCK, A.M.B.; FERREIRA, M.R.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. Silvia Lane e o projeto do “Compromisso social da Psicologia”. **Psicologia & Sociedade**, v. 2, p. 46 – 56, 2007.

CONSOLIM, M.C. Gabriel Tarde e as Ciências Sociais francesas: afinidades eletivas. **MANA**, v. 14, n.2, p. 269 – 298, 2008.

CORDEIRO, M.P. Psicologias sociais, cientificista e crítica: um debate que continua. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 33, n.3, p. 716 – 729, 2013.

DURKHEIM, E. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, M.C. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: teoria & pesquisa**, v. 26, p. 51 – 64, 2010.

GEORGE HERBERT MEAD. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, Stanford, 2016. Disponível em: < <https://plato.stanford.edu/entries/mead/> >. Acesso em 20 de setembro de 2022.

LE – BON, G. **Psicologia das multidões**. Paris: Presses universitaires de France, 1985. Disponível em: < <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2016/03/le-bon-gustave-psicologia-das-multidc3b5es.pdf> >. Acesso em 20 de setembro de 2022.

MARÇAL, J.V.S. O autoconhecimento no behaviorismo radical de Skinner, na filosofia de Gilbert Ryle e suas diferenças com a filosofia tradicional apoiada no senso comum. **Universitas: Ciências da saúde**, v.2, n.1, p. 101 – 110, 2004.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 4, n.1, p. 63 – 77, 2004.

MONZELLI, A.G. Imitação e diferença em Gabriel Tarde. **Revista sem aspas**, v. 5, n.1, p. 58 – 66, 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORAES, L.F.R.; FILHO, A.D.M.; DIAS, D.V. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. **Revista de administração contemporânea**, v. 7, n.2, p. 57 – 71, 2003.

PASQUALINI, J.C.; MARTINS, F.R.; FILHO, A.E. A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica. **Estudos de Psicologia**, v. 26, n.2, p. 161 – 173, 2021.

RAMOS, C. A indignação dialética: paixão e resistência em Maria Helena Souza Patto. **Psicologia USP**, v. 22, n.3, p. 499 – 528, 2011.

VARGAS, E.V. Antes Tarde do que nunca. Gabriel Trade e a emergência das Ciências Sociais. **Revista de Antropologia USP**, v.44, n.1, p. 325 – 330, 2001.

WILHELM WUNDT: contribuições para a Psicologia. **Mackenzie**, São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://blog.mackenzie.br/vestibular/guia-de-profissoes/conheca-wilhelm-wundt-o-pioneiro-alemao-da-psicologia/> >. Acesso em 21 de setembro de 2022.

WEBER. M. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

270